

42 Encontro Anual da Anpocs

SPG 41. Sociologia e Antropologia da Moral

Quebrada Largada.

Moral, crime e geração no Primeiro Comando da Capital.

Autor: Evandro Cruz Silva¹

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (Número 2013/07616-7)

Introdução.

Este texto² tem como objetivo discutir a noção de *proceder*³ enquanto experiência vivida de moradores de periferias urbanas do estado de São Paulo. Para os interesses deste texto dividiremos esta experiência em dois pólos: daqueles que vivem as dinâmicas interiores do crime e daqueles que vêem o crime como externos às suas vidas. O trabalho aqui exposto se baseia em minha pesquisa de mestrado, uma etnografia realizada de 2014 a 2017 entre adolescentes envolvidos ao *tráfico* em uma cidade interiorana de São Paulo chamada aqui de Pinheiros (SILVA, 2017).

Argumentaremos sobre como uma certa transição geracional dos componentes do chamado *crime* em São Paulo mudou de maneira sensível o que se enxerga sobre o *proceder*. Esta transição daria ensejo ao surgimento de uma avaliação negativa do estado atual das coisas representada pela expressão *quebrada largada*, agenciada majoritariamente por sujeitos que vivem em áreas com o presença do *Comando* mas que não se relacionam diretamente com as suas dinâmicas. Me juntando a bibliografia que debate as relações morais do mundo do crime (Feltran 2008, Marques 2013, Marques 2009, Biondi 2009), pretendo aqui analisar como a noção de *proceder* atravessa fronteiras, criando expectativas e moralidades naqueles vivem e naqueles não vivem o mundo do crime.

A dinâmica entre um certo nexos moral em disputa por coletivos criminais e as expectativas produzidas por aqueles que têm pouca relação cotidiana com a vida no crime é a estrutura para nos guiar sobre uma determinada transição geracional da presença do *Comando* nas *quebradas*. Esta transição é representada fortemente pela presença de uma certa juventude nas *biqueiras*, pelas avaliações diversas de seus moradores sobre o *proceder* destes garotos e uma certa nostalgia ao se representar os ladrões de antigamente, que seriam os verdadeiros ladrões com *proceder*.

² Este trabalho foi financiado com recursos do Centro de Estudos da Metrópole, através do Projeto FAPESP-CEPID número 2013/07616-7.

³ A utilização de itálico neste texto se resguardará para expressões específicas utilizadas por interlocutores do campo. Para citações diretas a outros, sejam acadêmicos ou interlocutores de campo utilizaremos o recurso a aspas.

Para tanto guiaremos o texto em três sessões: a primeira tratará sobre o surgimento dos debates acadêmicos que estudam as dinâmicas morais de coletivos criminais e como estes estudos abordaram o PCC; a segunda tratará da presença do *Comando* e suas relações com os *moleques* trazendo situações etnográficas que contrapõem as sensações de pertencimento dos adolescentes em relação ao PCC e as avaliações negativas de moradores sobre o *proceder* destes mesmos garotos e a terceira concluirá o texto com uma breve reflexão as relações potenciais entre a noção de *proceder* e a transição geracional do *Comando* nas periferias paulistas.

1. O Primeiro Comando da Capital e suas relações morais.

Estudos sobre coletivos criminais não são novidade tanto na bibliografia nacional, que como argumentam Aquino e Hirata (2018) já acumulam cerca de quatro décadas de uma crescente produção acadêmica, quanto na bibliografia internacional em que os trabalhos sobre delinquência e desvio da Escola de Chicago datam do começo do século XX (Becker 1996). Contudo, se a temática por si só não configura grande notícia, estudos que tratem sobre como sujeitos relacionados ao crime produzem suas concepções morais são mais raros e com datações mais recentes.

Problema de grande relevância nos debates públicos, “o crime” ou a “criminalidade violenta” tem como uma das suas interpretações hegemônicas uma visão negativa de sua existência e de suas dinâmicas. Nesta perspectiva o crime é uma afronta inerente ao bom convívio da sociedade e tanto sua classificação quanto seu entendimento se dão por concepções negativas: o crime é o desvio da Lei e suas dinâmicas são contrapontos a ela.

Estes estudos entendem as dinâmicas criminais como desvios e suas concepções morais como paralelas a outras convencionais. As críticas à estas maneiras de se abordar a relação entre crime e moral apontam para uma suposição implícita de uma determinada igualdade anterior entre todos os sujeitos e um entendimento homogêneo do que seriam os padrões aceitáveis de uma suposta moral hegemônica. Desta maneira, na teoria do desvio o sujeito desviante teria o mesmo ponto de partida do sujeito não desviante, fazendo do desvio uma escolha (mais ou menos condicionada socialmente) e sua conduta moral criaria um paralelo englobante que se adequaria a socialização desviante, no caso do crime, o sujeito desviante seria um “criminoso” em todas as instâncias da vida e tiraria

desta condição os seus aparatos de compreensão do mundo. Junta-se a esta interpretação uma ideia de diferença e separação qualitativa entre o desviante e o não-desviante que não se comunicariam de maneira efetiva em assuntos comuns, como por exemplo, aqueles que envolveriam a moralidade.

Como contraposição a estes argumentos, outros estudos sobre a vida no crime, com forte inspiração etnográfica, vem demonstrando outras perspectivas sobre sujeitos que compõem coletivos criminais e como estes derivam seus agenciamentos morais⁴. Nota-se como característica comum nestes estudos uma perspectiva que entende o crime para além de contraponto com a Lei, interessando-se assim por suas dinâmicas internas e pela maneira como estas se relacionam com outras instâncias da vida social.

Para os interesses deste texto apresentaremos esta maneira de se estudar o crime através da construção dos trabalhos sobre o Primeiro Comando da Capital, sua emergência, forma de expansão e atividade no cotidiano paulista. Duas décadas após o surgimento do PCC enquanto coletivo relevante em São Paulo, a bibliografia reunida sobre o assunto torna possível formar uma linha cronológica coerente de sua história e das suas especificidades enquanto coletivo criminal.

Surgido no início da década de 90 dentro dos complexos prisionais paulistas, o *Comando* aparece num primeiro momento como um coletivo hierarquizado de controle moral das condutas dos presos: o enunciado de “paz entre os ladrões” sintetiza a tentativa de espalhamento de uma cultura de não-agressão, proeminência do diálogo e veto a práticas vistas como “erradas” que vão desde o estupro ao código de vestimentas em dias de visita.

É durante a megarrebelião dos anos 2000 que o PCC deixa o status de assunto privilegiado àqueles que circulam o ambiente prisional, para ganhar as capas de jornais de São Paulo em fotos de presídios sitiados com faixas de referência ao Primeiro Comando da Capital. Os efeitos deste acontecimento para a forma de gestão paulista da população carcerária foram decisivos: a instauração do Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), endurecendo as penas de prisão e a paulatina expansão dos prédios prisionais para o interior do estado são fatores fundamentais para o entendimento do espalhamento

⁴ Para uma revisão das últimas quatro décadas de produção etnográfica sobre coletivos criminais ver (Aquino & Hirata 2018)

discursivo do PCC e da mudança de sua composição formal e seu papel enquanto redutor de taxas de homicídios no estado.

É neste momento também que podemos acompanhar dois movimentos marcantes de sua história: a intensificação do fluxo prisão/rua no PCC e a implosão do sistema de hierarquias centralizadas que passa a ser substituída por uma hierarquia de postos situacionais (Feltran 2008, Biondi 2009). O primeiro movimento se dá pela tentativa de reproduzir nas ruas um nexos moral de *proceder* semelhante ao empreendido nos sistemas prisionais, o segundo reproduzirá uma organização baseada em posições de responsabilidades específicas. Estas mudanças terão como local principal de reverberação as *biqueiras*, pontos localizados de comércio varejista de drogas ilícitas. Dessa forma, ao operar pontos de comércio de drogas, o *Comando* também se estabelecia como recurso disponível para resolução de conflitos cotidianos através do *proceder*.

Tais nexos morais abrangem campos variados da vida cotidiana, um dos mais sensíveis a temática no debate contemporâneo diz respeito ao debate produzido acerca do uso e comercialização de crack por parte de membros do *Comando*. Substância alvo de polêmica em diversos campos da sociedade, a pedra de pasta base também é assunto delicado ao Primeiro Comando da Capital, Biondi comenta de maneira detalhada os caminhos de proibição aos quais o crack passou nos ambientes prisionais (BIONDI, p156, 2009).

Esta tendência a proibição está longe de se tornar um consenso ou algo a ser plenamente controlável em todas as suas ramificações. Taniele Rui, em sua etnografia sobre cenas de uso de crack, discute sobre a relação ambígua entre o crack e o *Comando* (RUI, p150 2012.) .Se moralmente o crack aparece enquanto substância perigosa, e em última instância condenável, economicamente sua capacidade de engajar consumidores o torna um grande atrativo para a manutenção de um fluxo de caixa de quem queira comercializá-lo (MALVASI, apud RUI, p143, 2012).

A relação entre o crack e o Primeiro Comando da Capital é exemplar para podermos visualizar de maneira mais acurada o que se diz ao afirmar que o *Comando* tem uma “regulação moral” sobre as condutas: a tentativa de se produzir consensos sobre o que é certo e o que é errado no tráfico estará sempre em relação conflituosa com outros

parâmetros morais, possibilidades econômicas e situações específicas de cada perspectiva, sua existência depende fundamentalmente de uma perspectiva socialmente localizada (HIRATA 2010, MARQUES 2009).

É a partir de 2010 que surgem nos comentários cotidianos e em dados de pesquisa a figuração de uma *quebrada largada* que denotaria um controle menos expressivo das condutas nas periferias paulistas por parte do PCC. O ano de 2012 é paradigmático para o aparecimento cada vez mais recorrente da noção de *quebrada largada* nas periferias do estado de São Paulo: o conflito entre o *Comando* e as forças policiais do estado volta a ganhar força nas ruas, as notícias de uma nova “guerra” voltam aos jornais e podemos observar um aumento sensível no número de homicídios em relação aos anos anteriores.

Tal falta de controle se justificaria por dois principais motivos: I) a entrada do *Comando* em negócios de larga escala, o que desviaria o foco de seus afiliados ao cotidiano das periferias II) a entrada de sujeitos mais jovens nas *biqueiras*, o que depositaria em pessoas tidas como pouco experientes a responsabilidade de manter o *proceder* nas *quebradas*. A expressão denota uma certa ausência nostálgica ou o sentimento de que o *Comando* tenha alterado seus interesses em relação às mediações cotidianas da vida na periferia. Batista descreve essa impressão ao voltar a campo na Zona Leste da cidade de São Paulo no início de 2013 (Batista 2014).

No trabalho de Malvasi (2012) vemos também uma articulação entre experiência de uma geração e seus comportamentos em relação ao “mundo do crime”. Realizando seu trabalho de campo no ano de 2009 Malvasi argumenta (2012 p30) como o fato de seus interlocutores terem nascido entre o meio da década de 1980 e o começo da década de 1990 determina alguns fatores que sujeitos mais velhos não experienciaram: o crescimento econômico dos anos 2000, a experiência de juventude em uma *quebrada* em “paz”, o aparecimento do PCC como um constante regulador da vida cotidiana, Malvasi descreve assim como a gramática do *crime* enquanto instância moral cotidiana formata uma certa apropriação de mundo destes sujeitos a partir de seus valores morais.

Durante meu trabalho de pesquisa entre adolescentes envolvidos ao tráfico em uma cidade no interior de São Paulo, chamada aqui de Pinheiros, pude observar dinâmicas semelhantes: enquanto os *moleques* representavam a si mesmo a partir de um

pertencimento expressivo a ideia de um *proceder* (SILVA, 2017 p100), pessoas mais velhas com quem eu estabelecia comunicação expressavam uma insatisfação constante com a moralidade destes garotos que, incapazes de agir dentro do *proceder*, deixavam a *quebrada largada* (SILVA, 2017 p115-120).

Chegamos então em um impasse: o *proceder* figurou por muito tempo como uma das principais operações para a construção de uma *quebrada* pacífica porém, atualmente aparecem relatos de que as *quebradas* foram *largadas* na mão de jovens que não tem *proceder*, jovens estes que, quando questionados, dizem andar em sintonia fina com o que consideram ser os nexos morais do *Comando*.

Olhemos agora a história de Eduardo e Fernanda para compararmos a partir de suas experiências estas expressões sobre a moralidade do crime na cidade de Pinheiros.

2. Estar na função, correr pelo certo. Eduardo e a experiência do proceder.

Eduardo tinha 16 anos quando o conheci, no fim de 2013. Era a minha primeira vez no núcleo de medidas socioeducativas São Judas. Nossa comunicação neste primeiro encontro foi tímida, ele estava lá para encontrar sua orientadora de medida e eu para visitar o núcleo por conta de um projeto da faculdade. Nos cumprimentamos, ele me perguntou o que eu fazia ali, — confesso que fiquei um pouco sem jeito ao responder, eu ainda não sabia muito bem o que de fato fazia ali— respondi que estava fazendo um trabalho da faculdade e que muito provavelmente ele me veria mais vezes.

O jovem tinha pele negra queimada pelo Sol, média pouco mais de 1,60 e pesava no máximo 70kg. Depois de muito tempo no núcleo São Judas pude me aproximar mais e assim começar um diálogo mais extenso. Conteí minha história e coisas da minha vida, ele fazia várias perguntas. Por muito tempo nossas conversas se resumiram à falas biográficas extensas de minha parte. Eduardo tem um jeito interessante de ouvir, tomba a cabeça para o lado como se estivesse prestando atenção em outro assunto; mas tempos depois demonstrava estar atento e sempre se recordava de alguma coisa específica que eu havia dito nos dias anteriores.

A primeira vez em que Eduardo me contou sobre sua vida foi durante uma oficina que eu ajudara a organizar. A dinâmica era simples: um dado de seis faces era arremessado e o

número resultante indicaria uma imagem com a temática do consumo/dinheiro; o participante que arremessasse o dado deveria comentar sobre tal imagem. Na vez de Eduardo a imagem sorteada era a de uma algema dourada com diversos pingentes de metais preciosos. O garoto olhou por alguns segundos e comentou: “porra, é isso aí mesmo!”. Continuei o assunto: “Isso o que, Edu?”. Ele parou alguns segundos e comentou:

“O dinheiro prende a gente, né Professor? É por isso que é difícil sair da “vida loka, sei lá... dessa vida no crime. É porque o dinheiro prende a gente.

Você vê aquele bolo de notas no bolso, chega estufar o bolso da calça! Vem fácil, vai fácil, né? E depois a gente sente falta, né?” [Diário de Campo, Março de 2014]

Desde então eu e Eduardo começamos a conversar mais e pude marcar alguns encontros para perguntar de forma mais organizada questões importantes sobre sua vida. Segundo o garoto, ele e seus “problemas” seriam o motivo da mudança da Zona Leste de SP para o bairro de Bom Sucesso, projeto habitacional do CDHU na cidade de Pinheiros. “A migração entre as cidades é uma das grandes ”questões" de Eduardo", me contou certa vez Claudia, sua orientadora de LA. Perguntei em uma das entrevistas quais eram os tais problemas que ele estava causando à sua família, a resposta foi simples: “o crime”.

A forma como ele me respondeu me deixou surpreso. Foi uma resposta rápida, seca, me parecia ao mesmo tempo ter um tom de obviedade e ser uma confissão. Fiquei um pouco desconcertado e quando tentei continuar a conversa Edu adotou o silêncio. Em outra oportunidade, cerca de uma semana depois, quando perguntei para ele como havia sido o seu primeiro contato, se ele lembra da primeira vez que fez alguma coisa que considerasse “do crime”, tive pela primeira vez uma resposta longa:

“Ah, então Professor, coisa errada a gente sempre faz, né? (risada) Sabe como é, ninguém aqui é santo também... mas assim, no crime do tráfico mesmo eu lembro bem. Tinha 12 anos, tava numa festinha que uma tia minha tinha me levado. Aí colou uma molecada mais velha e falou pra eu ficar andando de bicicleta numa esquina, dando um peão pra ver se vinha polícia. Se viesse era pra eu vir andando em direção à festa de

novo, só isso. Aí eu ganhei 30 conto nesse dia, e tal...não fiz nada, nem toquei no bagulho, mas fiz a do olheiro. Acho que foi essa a primeira vez, se pá... Era, acho que, 2012... 2013. Aí fui ganhando outras amizade né, fui conhecendo as pessoas”[Diário de Campo, Maio de 2014]

A capacidade de arcar com as responsabilidades de uma posição no comércio de drogas também é parte preponderante à abertura de possibilidades para se circular por outras posições das hierarquias localizadas no ponto de vendas. Posições estas que são mais relevantes e com maior facilidade de faturamento, como em qualquer mercado. Estas duas habilidades: ser responsável e estar atento à responsabilidade alheia, também requerem um certo grau de performance que demonstre aos demais suas capacidades. É preciso então não apenas ser responsável e atento, mas também se apresentar aos demais enquanto alguém que possui de maneira indefectível tais qualidades. habilidades reconhecidas por seus parceiros, um breve imprevisto faz com que Edu seja deslocado de sua posição no cotidiano do comércio.

Durante uma partida de futebol, na rua de sua casa, Eduardo escorregou em uma garrafa pet amassada, caiu e fraturou o antebraço esquerdo, as marcas da cirurgia agora são cobertas com uma tatuagem que apresenta o nome da mãe em caligrafia manuscrita: “Elisângela”. A contusão impediu que Eduardo andasse de bicicleta, mas não tirou a disposição para trabalhar e ele foi posto para ajudar João, um amigo mais velho, já maior de idade e que trabalhava como “vapor” a mais tempo.

Eduardo então começara a ser incitado por algumas pessoas de sua quebrada a resolver assuntos que tem pouco ou nada a ver com a operação de seu comércio, ele conta a primeira vez que lhe aconteceu:

“É até engraçado né, porque eu era vapor... e teve essa vez aí do negócio do gato. Tipo, tinha os irmão lá do *Comando*, mas a tiazinha, que morava numa esquina da nossa *biqueira*, viu a gente e já perguntou logo: 'cade o gato?'

A mulher achou que tinham sumido com o gato dela, aí ficou xingando,

falando que aquilo num era certo...que a gente era do crime e que tinha que fazer alguma coisa. Eu não entendi porra nenhuma, nunca me senti do crime, era da função, mas não era do crime.

- E qual é a diferença entre o crime e a função? - Ah, assim, a função é o que a gente faz, o crime é assim: tem as coisa certa, o crime vem e fala: 'Ó, é assim que tá certo'. - E o gato? - Então, achamos a porra do gato. Tava num terreno lá, devolvemo e a mulher ficou feliz... agradeceu e desculpou pelo xingo, né. Aí foi uma coisa assim: porra o Eduardo desenrolou, o cara é do crime. E eu nem tinha muito contato com Comando naquela época, só sabia que tava lá... nem fazia parte, nem nada, mas fui fazendo amizade né, outras pessoas foram chegando. [Transcrição de Entrevista 16 de Setembro de 2014]

A caminhada de Eduardo enquanto vapor seguia sem muitos contatos com o *Comando*, como ele me disse: “estar na função é diferente de estar no crime”. Enquanto a primeira denotava uma função comercial, um posto de trabalho, a segunda representava um aumento de responsabilidades frente a seus parceiros e com a sua *quebrada*. Eduardo me contou então como foram seus primeiros contatos com o *Comando*.

“Isso aí (o contato mais próximo com o Comando) foi quando eu virei gerente. Isso aí eu lembro, já um pouquinho antes de eu vir pra cá (Pinheiros) o parcerinho que tava lá na gerência rodou, pegou 7 ano de prisão. Já era de maior e tal...aí os cara começou: 'porra coloca o Eduardo e tal'. E o pessoal lá ficava assim: 'É , mas é muito novo... sei lá'. Aí eu fui lá e falei que queria ser.

- Mas você só chegou e se apresentou? - É, fui com um parceiro que eu ajudava antes...antes de ser vapor, ele que me levou. Eu fui lá e falei: 'se é pra ser, eu sou! Tranquilo, faço a do gerente!'

- E eles? - Eles ficaram meio pá com o negócio de eu ser menor... 15 anos e tal...

mas aí eu disse que já tinha uns gerente menor na quebrada. Que eu sabia que idade num diz nada, o bagulho é seguir no certo e tal. Aí virou, eu fui fazer a de gerente, 15 pra 16 anos isso... faz um tempo, foi tipo... fim de 2013.”[Transcrição de Entrevista: 16 de Setembro de 2015]

Aos 15 anos Eduardo se tornou gerente de uma biqueira composta por 6 vapores sob sua coordenação e sua rápida subida não deixou de chamar atenção. Primeiro, e mais intensivamente, dos policiais que já o visavam a algum tempo:

"—E foi aquilo né, Professor... 15 anos eu já tava com uma pistola em casa.

Nunca usei, só achava legal. Nem sei porque eu tinha aquela porra, também... minha mãe já tinha ganhado a situação, queria me internar, me colocar de castigo...

E os polícia em cima também... tinha uns coisa me marcando e agora de gerente eu tinha muito mais presença, né. O problema de ser gerente é que você aparece demais. E eu molecão, né... queria mais era aparecer mesmo!

—Mas eles (policiais) te ameaçavam? — Então, antes, de vapor e olheiro era uma coisa assim... de dar um apavoro... de tentar assustar mesmo. Chegavam os caras [da polícia] lá: “E aí menor, só na função?”. Dava uns soco, uns chute e saia fora, nunca me levaram.

Mas quando eu fiquei mais visado eles começaram a falar que iam me matar, até chegaram a falar pra minha mãe: 'Ó, os polícia vão matar seu filho' . É foda, Professor, 'cê não tá ligado! Eu virei um problema pra família, quanto mais eu crescia na função... os cara do Comando me considerando... eu

ganhando dinheiro e minha mãe chorando de medo sozinha na madrugada, era foda! [Transcrição de entrevista, 16 de Setembro de 2015]

A relação entre Eduardo, sua entrada no crime e o estabelecimento de relações com outras pessoas envolvidas ao *Comando* é parte de uma experiência específica do *proceder* enquanto nexos moral. Se por um lado suas responsabilidades aumentavam e com isso também o seu prestígio entre os pares, por outro era evidente que tal experiência no crime traria problemas para outros âmbitos importantes da vida, como o familiar. Estas imbricações entre moralidades distintas e suas redes de relações diferentes (coletivos criminais, familiares, amigos, etc) fazem parte de parte da experiência de garotos periféricos como Eduardo.

A própria mudança de Eduardo e sua família da Zona Leste da capital para um bairro periférico no interior de São Paulo tem a ver com tais ligações. Ao saber que seu filho estava tendo cada vez mais participação no *Comando*, a mãe de Eduardo começou a providenciar sua mudança para Pinheiros, cidade onde tinha vivia parte de sua família. O estopim para tal mudança foi a percepção de que os policiais da região estavam vigiando sua casa.

Deste modo, se a socialização no *proceder* foi parte de uma trajetória de entrada de Eduardo no mundo do crime, é também esta socialização que lhe causou problemas familiares e que causou seu deslocamento territorial. Ao chegar em Pinheiros, num lugar em que suas relações não estão estabelecidas a ligação de Eduardo com o *crime* definhou, isso, contudo, não altera a ideia de que ele viva no *proceder*, agora não mais como parte de uma experiência com coletivos criminais mas como elemento da busca por uma vida baseada em determinados valores, ou, como ele mesmo nos diz, o “o certo é o certo, e o *proceder* é o certo também”.

Vamos agora a outra trajetória para podermos ver um determinado “lado de fora” da experiência do *proceder* enquanto nexos moral.

3. Matar e roubar em uma *quebrada largada*. Fernanda e a avaliação do *proceder*.

Fernanda tem 43 anos e trabalha como educadora no núcleo São Judas desde 2009. Nascida e criada na cidade de Pinheiros, ela é responsável pelas atividades de educação física do núcleo que alternam oficinas de futebol e sessões de musculação para os adolescentes em cumprimento de medida. A primeira vez que a vi ela estava tomando café na secretaria do núcleo. Fernanda conversava com outras duas mulheres mais velhas, na casa dos 60 anos, sobre algum assunto complicado. Falavam baixo e minha presença era nitidamente constrangedora. Saí rapidamente do local. Minutos depois Fernanda veio falar comigo, se desculpou pelo constrangimento dizendo que estava conversando com duas mães de adolescentes envolvidos em um caso de tentativa de homicídio.

Fernanda tem pouco mais 1,70 e está sempre com alguma camiseta de evento esportivo, calça legging e tênis de corrida, tem a pele castanha escura e cabelos de cor semelhante. Seu sotaque é arrastado e puxa muito os r's. Fernanda é o tipo de pessoa que “fala umas verdades” e sempre estabelece diálogos muito francos com os adolescentes. Mãe de dois filhos, uma menina e um menino, de 13 e 16 anos, respectivamente; ela me disse, mais de uma vez que trata os adolescentes com a rigidez e carinho que trata seus filhos.

Durante o tempo em que participei das oficinas de futebol (majoritariamente entre 2015 e o meio de 2016), pude me aproximar bastante de Fernanda, ao passo que ajudava nas atividades das oficinas: distribuía e recolhia materiais, completava os times, arbitrava algumas partidas e, entre um momento e outro, puxava assunto, foi assim que nossas conversas começaram. Todas as atividades do núcleo são sucedidas por um lanche coletivo, em que os adolescentes e os educadores participantes das atividades se reúnem em uma mesa redonda com pães, frios e suco. O momento do lanche sempre me serviu como um termômetro do estado das relações no São Judas.

As vezes ele era marcado por muitas brincadeiras, um clima leve e de descontração, às vezes por um silêncio entediante e, outras vezes, servia como local de discussão de algum assunto polêmico que acontecera na cidade. Era em volta daquela mesa redonda que o cotidiano em comum, entre adolescentes e educadores, se cruzava a partir das experiências comuns de dias anteriores. Em uma tarde ensolarada de abril fui ao São Judas auxiliar em mais uma oficina de futebol; haviam apenas oito garotos na quadra, faltavam dois para completar o time. Cinco minutos depois, Douglas chegou acompanhado de um homem mais velho, que aparentava ter uns 28 anos. O clima na quadra era estranho, bem mais silencioso do que os dias normais de futebol.

Douglas tem 16 anos, quase um 1,90 de altura e muito magro, tem a pele preta e está sempre com uma camiseta número 11 do Barcelona, estampada com o seu próprio nome. O garoto tem uma mistura interessante de timidez e agressividade, fala pouco, mas reage de maneira enérgica quando é contrariado. Uma das suas grandes paixões é a capoeira, Douglas treina frequentemente e está no cordão verde-amarelo escuro, segundo cordão de graduação em Capoeira Angola.

Os assuntos familiares incomodam Douglas, ele aparenta sentir muita raiva de seu pai, que abandonou sua mãe e seus outros dois irmãos, mas não saiu em definitivo de suas vidas, voltando para casa de maneira episódica, sempre “muito louco de cachaça ou de pedra [de crack]”, como ele contou durante uma das oficinas. O futebol era um dos momentos em que Douglas se soltava, era um bom atacante, fazia muitos gols e tinha uma disposição física superior à dos outros garotos. Ele gostava de se gabar dessa superioridade, usava-a em suas zoeiras e piadas como: “fica cheirando lança [lança-perfume] a noite inteira e depois fica se arrastando aí né, vacilão!”. Douglas entrou para um time, eu fui para o outro, jogamos normalmente. O homem que o acompanhava ficou sentado num canto externo da quadra, conversando com Fernanda. Depois andou um pouco, foi em direção à secretaria do São Judas e voltou. Acompanhou o jogo inteiro.

Nos primeiros momentos parecia estar muito preocupado com alguma coisa, depois se soltou um pouco e começou a fazer piadas sobre o jogo; de alguma maneira o humor dele parecia ser o humor do próprio jogo, e com o desenrolar do tempo a atividade voltou ao seu clima normal: zoeiras constantes a cada lance. A partida se encerrou, eu comecei a recolher os materiais para seguirmos para o lanche. O homem mais velho se aproximou de mim e se apresentou como primo de Douglas, seu nome era Denis. Conversamos por alguns momentos, ele me disse que estava com vontade de jogar, mas que estava velho demais; eu respondi que era só pegar um colete e ir para quadra. Nos distanciamos.

Percebi que Douglas se reuniu mais uma vez com Denis, eles conversaram rapidamente com Fernanda e depois saíram em direção à secretaria do núcleo. Os garotos partiram para o lanche, eu fui até o depósito colocar os materiais, depois me encaminhei a secretaria.

Josi, que lá trabalha, me disse que Douglas e Denis não participariam do lanche pois haviam partido assim que a atividade do futebol acabou, indo até ela apenas para assinar a carteira de presença. Enquanto me encaminho para o local do lanche (uma área externa atrás da secretaria), vejo na tela do computador de Josi uma notícia do site Pinheiros News (um site de notícias da região), a matéria versava sobre uma briga no bairro do Guardado, que terminara no homicídio de duas pessoas. Me sentei junto a José, Danilo e Júlio (três adolescentes que participaram do futebol), peguei um pedaço de pão e um

pouco d'água. Quando cheguei na mesa, todos já estavam comentando o que ocorrera no último sábado.

Segundo o comentário dos garotos, no último sábado, durante uma festa na casa de uma família, um dos vizinhos reclamou muito do volume do som e foi até os responsáveis pela festa. Acontece que tais responsáveis faziam parte de uma rede de pessoas relacionadas ao *Comando* na região do bairro do Guardado, um bairro periférico construído pelo programa Minha Casa Minha Vida. As discussões subiram de nível, o primeiro vizinho que foi tirar satisfação era um “tiozinho pai de família”, segundo os garotos. Mas seu filho, conhecido como “Dezinho”, também era envolvido e logo saiu de casa para se inteirar sobre o que estava acontecendo.

Dois dos participantes da festa eram Douglas, que participara da oficina de futebol anteriormente e Denis, seu primo mais velho, que o acompanhara durante a atividade. Segundo os garotos, Douglas sempre teve um temperamento intempestivo e tomou a frente da situação, discutindo diretamente com Dezinho. O confronto entre Douglas e Dezinho exaltou os ânimos, pois corria o boato de que Douglas andava roubando sons de carro, e o pai de Dezinho havia sido vítima do furto de seu aparelho a algum tempo atrás. Dezinho acusou Douglas de ter roubado seu pai. O som da festa emanava de dentro de um carro e em dado momento da discussão Dezinho tentou adentrar o veículo para desligá-lo, acusando Douglas de que aquele som era o som roubado de seu pai. Douglas então empurrou Dezinho, que revidou com um soco. Depois do primeiro soco, disparos foram ouvidos, Dezinho e seu pai caíram no chão.

O assunto era tratado com grande naturalidade entre os garotos, com risadas e piadas sobre o como o tiozinho “caiu duro” no chão, e sobre como o autor dos disparos foi rapidamente identificado, pois ficou com a arma na mão, paralisado. O atirador chamava-se Allan e, segundo os garotos, era só um “vacilão com uma arma na mão”, que pouco tinha com o que estava ocorrendo. Fernanda parecia muito irritada com a naturalidade com a qual o assunto era tratado. Ela ficou em silêncio durante toda a conversa, até que em dado momento, um dos garotos disse que Dezinho e seu pai “mereceram” o que aconteceu, pois não se deve mexer com o assunto dos outros. Fernanda bateu na mesa e falou, em tom muito duro:

"Não tem essa de merecer! Matar não é certo e pronto, não tem essa... tá tudo bagunçado! matar alguém por causa de um toca fita, um som de carro? Antes os ladrão tinha responsabilidade, era uns homem memo... sério! Agora é uma molecadinha que nem vocês, que não sabe de nada e quer pagar de machão. Porra, matar dois por causa de som de carro? Que crime é esse?" [Diário de Campo, Abril de 2015]

O assunto se encerrou com a fala de Fernanda, todos permaneceram em silêncio até o fim do lanche. Eu limpei a mesa do lanche e depois fui até a academia de musculação, onde Fernanda anotava algumas coisas em um papel. Nós começamos a conversar e ela parecia muito entristecida, me dizia que os problemas em volta do núcleo estavam piorando dia a dia:

"Sabe Evandro, antes, os problemas aqui eram umas brigas, sei lá... fulaninho brigou com cicraninho por causa de mulher... a gente ia lá na casa da família do fulaninho e desenrolava as coisas, né? Agora tem muita gente se matando... esse caso aí. Um pai de família e um menino morto por causa de um som de carro... uma festa? E já é... sei lá, o quinto homicídio na cidade esse ano. E agora o Douglas tá envolvido nisso também, sei lá o que vai acontecer, né. Porque agora é isso, quem morre também tem família, aí vai atrás de todo mundo, nem sei o que vai acontecer..." [Diário de campo abril de 2015]

As conversas com Fernanda continuaram com um tom de avaliação. Ela, que trabalha num centro de medidas socioeducativas a quase uma década e mora a mais de 20 anos em bairros periféricos viu diversas transformações na vida nas *quebradas* de Pinheiros. O acontecimento devido uma briga de festa era um sinal dos tempos para ela:

"Então, essa coisa de morrer gente, tinha parado, antes os caras do crime controlavam mais, agora eu não sei, tem muita morte, muita violência. Além disso tem essa coisa de aparecer muito roubo nos bairros mais pobres né, antes não tinha, não sei, tem gente falando que tá tudo largado, o que eu sei é que antes as coisas estavam melhores mesmo." [Diário de campo abril de 2015]

A avaliação de Fernanda de que as coisas no *Comando* estavam mudando e que hoje o dia a dia das periferias de Pinheiros é mais *largado* e mais violento encontra eco em outras produções sobre a relação entre crime e periferia no estado de São Paulo. O que se

pode perceber por essas percepções de variações sobre o *proceder do crime*, para além de tentar aferir se eles estão ou não de fato conseguindo controlar as condutas nas *quebradas*, é que a presença do Primeiro Comando da Capital nas periferias de São Paulo é capilarizada e longeva o suficiente para que seus moradores possam traçar comparações no tempo.

Outro ponto a se notar é que as dinâmicas morais do *Comando* não afetam nem são referenciadas apenas por aqueles que adentram suas dinâmicas criminais. Se o *proceder* funciona como um nexos moral daqueles que vivem a vida no crime, ele também funciona como um componente relevante do dia a dia daqueles que se relacionam com a presença do *Comando* sem traçar nenhuma conexão direta com as suas atividades.

Vamos agora a uma rápida comparação entre as experiências de Eduardo e Fernanda com o *proceder* e o *Comando*.

4. *Proceder, quebrada largada e transição geracional. Relações potenciais.*

Ao compararmos duas experiências distintas sobre a noção de *proceder*: a de Eduardo, garoto de 16 anos envolvido ao tráfico e com algumas ligações com o *Comando* e a de Fernanda, uma mulher de 43 anos, moradora de *quebrada* e que viu as duas transições recentes do crime com a chegada do PCC nas periferias e a chegada de uma *molecada* nas *biqueiras* podemos aventar algumas reflexões sobre a noção de *proceder*.

A primeira argumentação possível é a de que experiência interna daqueles que vivem a vida no crime não se apresenta como uma adequação a um conjunto de regras. O *proceder* não funciona, na trajetória de Eduardo, como um conjunto de regras estáveis e paralelas a serem seguidas e sim como a formação de um nexos moral guiado pela sua experiência e pela formação de uma rede de relações com sujeitos ligados ao *Comando*.

Desta maneira a socialização de um adolescente no *proceder* se apresenta como a formação de um determinado nexos moral produzido por alianças específicas. Essas experiências e alianças formam o que Feltran chama de repertórios de atuação (Feltran 2008) de uma vida no crime. É este caráter situacional e específico das alianças e das avaliações que produzem um *proceder* como uma experiência vivida que também garante seu caráter plástico, variando de *quebrada* a *quebrada*. O deslocamento de Eduardo, de

uma periferia da zona leste da capital para uma cidade do interior paulista nos aponta como a formação do *proceder* se modifica ao se modificar o conjunto disponível de sujeitos ligados a redes de ilegalismos populares (TELLES, HIRATA) num determinado território, presença esta que tem caráter bastante contingencial.

A segunda é a de que o *proceder*, não atua apenas como um nexos moral paralelo que regula a vida de um grupo específico de pessoas que se distinguiria pelo cometimento de infrações ao Código Penal. O *proceder*, devido a capilarização constante do *Comando* nas periferias paulistas, é capaz de criar uma certa expectativa moral em sujeitos que têm pouca ou nenhuma relação com coletivos criminais.

São sujeitos que circulam no dia a dia nas *quebradas* paulistas e que percebem que uma *quebrada* ocupada por irmãos com *proceder* é melhor do que uma sem. Estas percepções derivam, principalmente, do nível de previsibilidade que determinados sujeitos proporcionam a vida cotidiana na operação de seus ilegalismos, reduzindo o uso privado da violência e evitando o distúrbio da vida dos moradores.

Junta-se a esta dinâmica de avaliação o fato de que tais moradores podem traçar comparações longitudinais das condutas dos membros do PCC no decorrer do tempo. Com cerca de 25 anos de existência e a mais de 12 com presença maciça nas periferias paulistas, moradores mais velhos de periferias urbanas são capazes de identificar as transformações pelas quais o *Comando* passou e como estas influenciam suas vidas.

São estes entrecruzamentos entre diferentes maneiras de se relacionar com o crime que criam as diversas modalidades de experiência e avaliação sobre o *proceder* nas suas *quebradas*.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard. A Escola de Chicago. In: *Mana*, 2 (2), 1996, p177-188

BIONDI, Karina. *Junto e Misturado: Imanência e Transcendência no PCC*. Universidade Federal de São Carlos, 2009. 198 p.

_____. *Etnografia no Movimento: Território, hierarquia e lei no PCC*. Universidade Federal de São Carlos, 2014. 336 p.

_____ MARQUES, Adalton. Memória e Historicidade Em Dois “Comandos” Prisionais. *Lua Nova* n. 79, p. 39–70 , 2010.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Trabalhadores e bandidos: categorias denominação, significados políticos. *Revista Temáticas*, ano 30, v.15, p.11-50, 2007.

_____. Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. 2008. 363f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____ The Management of Violence on the São Paulo Periphery : the repertoire of normative apparatus in the “ PCC era. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* v. 7, n. 2, p. 109–134 , 2010.

MALVASI, Paulo Artur. Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese em Saúde Pública. 2009

MARQUES, Vagner Aparecido. O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste – SP. Dissertação em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica. 2013.

MARQUES, Adalton. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de S*ão Paulo, São Paulo, 2009

HIRATA, Daniel Veloso. Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida. Universidade de São Paulo, 2010. 367 p.

_____ ; AQUINO, Jania. Inserções etnográficas ao universo do crime: algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. *BiB - Boletim Informativo e Bibliográfico Olhar esse texto da Rifiotis sobre a homogeneização das temáticas.*, v. 84, n. 2, p. 107–147 , 2018.

_____ GRILLO, Carolina Christoph. Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro: Perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Tempo Social* v. 29, n. 2, p. 75–98 , 2017.

LIMA, Jacqueline Stefanny Ferraz De. *Mulher Fiel: as famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital*. Universidade Federal de São Carlos, 2013. 164 p.

SILVA, José Douglas dos Santos. *Políticas de quebrada e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2014

SILVA, Evandro Cruz. *A MOLECADA NO CORRE : comércio , experiência geracional e moral no Primeiro Comando da Capital .* Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCAR 2017. 138 p.

RUI, Taniele. *Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. p. 335 , 2012. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/Taniele_Rui_Tese.pdf>
